

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

Idéas dum moageiro sobre a imprensa

O que é um jornal para um moageiro — As consciencias e os estomagos — As almas dos intellectuais e a dos devoristas — As maquinas do pão de espirito e as do pão de cimento armado — As penas e as masseiras

Diz-se que a imprensa conduz a tudo, que alçaprema alguns dos seus homens ao maximo da gloria, das honras, da fortuna; o que não se põe em proverbio, porém, é que conduz outros — a maioria — ao tormento, ao horror. A imprensa conduz a tudo: ao deslumbramento e à treva. O que, porém, nunca succedeu foi conduzir alguns dos seus fieis a amassadores, não do pão de espirito, mas do que a Moagem, do Jardim do Tabaco — só agora sei existirem duas — imaginasse fornecer ao publico no grande orgão de informação que é o *Diario de Noticias*.

O jornal é uma maquina nobre movida por entusiasmos, por dedicações, por lés; é uma antecamara da morte onde se geram vidas. O jornalista é, por via de regra, um individuo ávido de espalhar a sensação, o frémito, a raridade, é um soldado que deseja sempre a guerra, um ser de excepção que erguendo, com o seu talento, milhares de idéas acaba por vê-las no dominio comum aproveitadas sem lhe marcarem a autoria como acontece a essas lindas canções do povo, que andam de bôca em bôca e não são de ninguem, a todos pertencendo.

Pois bem, um dos directores da Moagem queria que essa nobre maquina passasse a ser movida por gente de frete, por tipos de aluguer, por malandrecos às suas ordens, só porque — alegava — comprára o jornal, era seu, pertencia-lhe com todo o seu recheio e nessa idéa de recheio ia tambem a consciencia dos jornalistas. Uma das cousas que mais o apoquentava era não ser o distribuidor dos favores, das graças, dos titulos, das parangonas, dos adjectivos e, estupidamente, num alarde de rico improvisado, à custa das miserias de nós todos, teve o despejo de o dizer.

Para ele, possuir o *Diario de Noticias* consistia exactamente no mesmo que em possuir a sua fabrica. Achava tão logico avariá-las idéas como o pão, encontrava o mesmo encanto em ludibriar amplamente o publico: no pêsso e nos argumentos.

Se eu já não tivesse traçado, antes dêste incidente, um acto a que chamei *Prezado Colega*, e que Araujo Pereira vai representar, dir-se-hia ser meu desejo apresentar num palco, a mexer-se, o delegado da Moagem na casa dum jornalista, preso da agonia. É que eu — homem livre que jámais aceitou o jantar dum plutocrata, eu, rapaz da rua, nado e criado entre o povo — adivinhára essas tendencias dos novos ricos, dos exploradores da guerra, dos vorazes devoradores do esforço da nação para se apossarem da imprensa e, tirando a mascara, dizerem aos seus redatores, tornados seus servos, seus ganhões, seus lacaios:

— Bote lá que o Rocha Martins é um patife! Já lhe disse! Bote lá que o Cunha Leal não tem talento... Homem!... Irra!... Diga lá isso e deixe-se de reflexões... Bote lá que só os nossos amigos são honrados... E, já agora, prante lá o retrato do Bichinho de Rabiar e chame-lhe talentoso, semi-genio... pãosinho de Viena!

— Mas... — tornaria o jornalista — o Rocha Martins não é patife, o Cunha Leal tem valor como poucos, os amigos da sua moagem gosam, quasi todos, má fama e, até de cadastro e o Bichinho de Rabiar é uma besta...

— Ora essa? Então você não bota lá o que eu quero?! Eu sou o dono, eu sou o patrão, eu comprei o *Diario de Noticias* para ferrar o que quizer nas suas folhas, no papel que é meu, com a tinta que é minha, nas maquinas de minha pertença, com as canetas de vocês, a quem pago, com as mãos e as cabeças dos jornalistas, pois eles são dos meus empregados...

Tal era a teoria do individuo que, do seu escritorio do Jardim do Tabaco, desejava governar a redação da rua dos Calafates com aquele mesmo criterio com que se dirigem as padarias.

— Não chega a farinha?... Deita-se-lhe agua a ferver que logo tufa...

E, no fim, o que ambicionava mais ainda, era o lustro que sobre a sua pessoa moageiral, de negociante enriquecido com o depauperamento do país, podia entornar a sua qualidade de fabricante de celebridades, que saíam de suas maquinas, tão perfeitas como as roscas de dez tostões ou os macarrões azedos de dez mil e quinhentos.

A certa altura da sua vida de ricasso, à qual só ligam importancia os que vendem a dignidade, por uns miseros papelotes de Banco, quiz florear, mandar, sentir à sua volta a arte, a literatura, a poesia, a historia, o panfleto, todos ajoelhados a pedirem-lhe, não uns pãesinhos — porque seria ambicionar a morte — mas umas linhasinhas àcerca de seus merecimentos e que, ali de rastos, choramingando e humilhando-se, não podiam deixar de obter. E, então, ele, num gesto de vaidade satisfeita, de tripa consolada, sentindo que, enfim, não eram só os da praça que o acaudilhavam, diria que sim, num aceno magnanimo de sua mão poderosa e cheia de generosidade, e do fundo das almas daqueles mendigos celebres sairia um evohé ao moageiro, ao Mecenaz, ao dono da imprensa da rua dos Calafates, ao senhor da *Diario de Noticias*.

Então, num pasmo, à saída, encarando-se, querendo rir umas das outras, anté seu aspecto, a arte, a literatura, a poesia, a historia, o panfleto derramariam as suas mais amargas lagrimas. Estariam todas besun-

tadas de farinha; trariam em seus rostos energicos, belos, desassombrados, a dedada branca do patrão, o carimbo do amo, o sinal da abdicação.

Eu sei que o director da Moagem ha de perguntar, ainda agora, num pasmo, num espanto de homem riquissimo, que adquiriu um jornal:

— Mas. se ele é meu, quem ha de mandar?

— Oh! senhor das sacas de farinha, oh! imperador das masseiras, oh! Deus do macarrão! E, se a tua vaidade te desse para adquirir uma casa de saude ou um laboratorio quimico? Serias tu o medico, o sabio, o dirigente, o inventor, o inspirador?! Serias tu quem iria curar ou descobrir as formulas dos novos explosivos, dos novos remedios, dos novos reagentes e das novas especies? Não. Tu serias o comendatario para embasbacar e guardar os lucros, oh! senhor das sacas, oh! imperador das massas, oh! Deus dos macarronetes!

Quando trato dêste modo a personagem em questão, dirijo-me a ela como a uma abstracção, a um ser que paira nas regiões do misterio, porque ainda não escrevi seu nome nem quero conhecer suas feições. Para mim, dêste modo, o Jardim do Tabaco é o Inferno, onde se praticam todos os males e onde se colhem as almas dos ministros, dos deputados, dos fiscaes e dos sindicantes. Quem lá reina, agora, é uma potencia sobrenatural e, daí, o tu com que, atravez da historia das religiões, sempre se concedeu aos tipos de misterio, seja para os louvar, à cata do seu hidromel, seja para os descompôr ou para os increpar. Daí — meus senhores — o tu evocativo para o homem — ou lá que é — cujas idéas sobre a imprensa são as mesmas que se albergam atraz dos olhos dum rhinoceronte em relação a um aeroplano.

O estendal de vaidade, de ser o dono, de aparecer como senhor — expresso e claramente aos jornalistas que lhe atiraram com o seu desdém de pobres, mais engrandecidos do que o poderoso comprador da dignidade profissional, essa ancia de figurar, de mandar, de se narcisar para possuir uma maquina de publicidade como quem tem um automovel, e só mete nele os amigos, era muito para o desejo de exhibição do mercante, mas não era tudo, porque estas almas de negociantes de tal polpa não se contentam apenas com o fumo das gloriolas. O que ambicionava era saber que tinha às suas ordens — ou dos seus representantes, vendidos à sua mão cheia de notas — penas adestradas para traçarem o fulcro das suas operações comerciais, da sua acção contraria ou favoravel aos governos, conforme eles se prostrassem ou não diante da Moagem, capazes de ferir, se assim quizesse, e de enaltecer bandalhos, se tal determinasse.

E esse homem — ou lá que é — essa Moagem é uma abstracção platonica do Jardim do Tabaco — deve ter ficado desapontadissimo ao vêr penas que não se vendem, que preferem partir-se, ou transformar-se em arietes, a servirem as infamias, as audacias ou os caprichos que brotam dum cerebro de pessoa rica, habituada a berrar: dinheiro! e a sentir toda a gente de joelhos e de mãos estendidas para as notas como para um idolo lambuzado de sangue e de dejectos.

Quais são os deputados da Moagem?

Os servidores dos farinhaes — Os nomes que
eles apontam — Os chauffeurs e os explorado-
res — Vêmos a inquirir de seus defensores
— O desabar duma plutocracia

Continuando, ainda, neste caso do conflicto dos redatores do *Diario de Noticias* que se demitiram repelindo a tutela, o carimbo, a chancela dum patrão que desejava traficar, á sombra dos seus nomes respeitaveis, não posso deixar de citar um facto que alguns dos meus camaradas despedidos me garantiram e ao governo compete averiguar para que a nação — na hora da justiça, que se aproximará ao som de canhões — não vá condenar inocentes.

Dois dos directores desse Interno, cujo Lethes é o Terreiro do Paço, disseram, num assomo de onipotencia, aos representantes da redação do jornal que o procuraram:

«— O quê? O quê? Ninguem se mete connosco. Temos cá ex-ministros, ministros e deputados nossos empregados.»

Quem são esses ministros e ex-ministros? Quem são esses deputados? Os ministros estão lá porque os servem, os ex-ministros estão ali porque ainda podem voltar a ocupar os seus logares; os deputados porque lhes obedecem nas suas carteiras parlamentares. Queriam obter o mesmo dos jornalistas e estes foram mais honrados do que os individuos de taes categorias, apontados como participantes desse conluio da moagem que tem, verdadeira maçonaria plutocrata, os seus filiados em toda a parte.

Dos actuaes ministros não citaram nomes, mas buzinaram sua importancia junto deles; dos outros apresentaram como seus agentes os srs. Pina Lopes e Lima Bastos. E' de nos deixar estarecidos.

O sr. Pina Lopes era thesoureiro do centro franquista do Chiado quando a republica se implantou e, na escala social não passava dum tenente, em serviço na guarda de alfandega, e que, naquela hora, amar-

gamente lamentava as suas convicções politicas tão arvoradas na vespera da victoria da Rotunda. Já foi ministro das finanças! Porque? Sei lá! Porque não calhou ser outro! Ministro! Hoje é muito rico e está coim a moagem!

Oxalá, quando de novo soar a artilharia, desta vez na mão dos explorados contra os exploradores, não lamente suas amizades presentes como se dilacerava por suas passadas opiniões, em 1910.

O sr. Lima Bastos era secretario dum ministro da monarchia, do sr. D. Luiz de Castro. Jurava e trejurava sua fé nas instituições e detestava esses pés frescos da republica. Naturalmente, mudou rapidamente, e de secretario — oh! deuses da farinha pôdre! — passou a ser tambem ministro e a entrar nas Companhias poderosas. Está muito rico! A moagem cita-lhe o nome como um dos seus deuses tutelares.

Eu não sei se os homens do Jardim do Tabaco acreditam na fidelidade dos seus *chaufeurs* para, à hora em que a onda popular esfaimada, conduzida pelos intellectuais, esmagados em seus honestos labores, invada o ambito das fabricas a procural-os ou descubra seus escondêrijos. E' crível que nas almas desses trabalhadores — como eu sou, como outros são — haja piedade, haja benevolencia. E' crível. Os plutonicos do do Jardim do Tabaco talvez os encontrem a seu lado, firmes, agarrados aos guiadores, galgando pelas más estradas em cata da nesga salvadora (?) da fronteira. Pelo menos ainda não se deu o exemplo dum *chaufeur* abandonar o seu amo, e eu — se fosse possivel algum dia dar conselhos aos que nos fazem a guerra deslealissima — dir-lhes-hei poderem fiar-se mais naqueles que jamais praticaram uma defeção, do que nos ex-ministros cujos nomes arremessam ao pobres jornalistas como balas intimidadoras. Pois se o franquista tenente renegou, em 5 de outubro, o que aplaudira em 3, despresou num dia o que o honrava na vespera?!

Pois se o secretario do ministro monarchico praticou de igual modo, que demonio de garantias teem os dois moageiros em questão de que eles os acaudilhem nas horas amargas que vão chegar?

Vão chegar, fatalmente, anunciam-se já. Quem não ouve o violento *tic-tac* do relógio do Destino é porque, propositadamente, quer ensurdecer.

Mas vamos aos deputadas. Quem são esses agentes, esses caixeiros, esses empregados que estão no parlamento ao serviço da moagem?

Quem são? Alguns lá existem, com certeza, e a prova é que assina o afirmaram os directores da empresa cujo capital é da nação.

Quem são esses deputados?

Desvanecidamente o digo; não ha nenhum na bancada realista como dentro em dias nenhum dos que traficam na farinha, nenhum desses grandes ricos da especulação, poderá ser considerado monarchico. Vamos expulsa-los; os seus logares não são junto de nós. Vamos escorraça-los honradamente das fileiras onde só estão por snobismo e se tal facto se

não der sairei eu do partido para dizer ao paiz o que penso a tal respeito. Mas não só eles devem sair; é preciso sacudir tambem os seus delegados.

Se os homens de carga da Moagem, nomeados deputados, não estão na opposição realista, onde se estadeam então?

Quem são eles?

Não pertencem a esse numero de vendidos os senhores Sá Pereira, o mais honrado e desinteressado dos demagogos, tampouco o sr. Tavares de Carvalho, que pode não ter uma larga cultura literaria, mas é um paladino da defesa dos que se sentem esmagados, tambem não alacaiam os dictadores da exploração os srs. Carlos Pereira, Antonio Correia, Vasco Borges, cujas palavras ácerca do conflito entre a Moagem e os redatores do *Diario de Noticias* foram definidoras.

Quaes são os representantes da nação que apenas representam nas Camaras, os interesses inconfessaveis de quem tudo compra? Quanto recebem, quanto cobram, quanto recolhem? Mais ainda. Quem são esses traidores á propria republica que a vilependiam defendendo a mais deshonestas das especulações capitalistas, e que a tem arruinado. Calam-se, empalidecem, receam a colera dos esfaimados. Os amos não os denunciarão, mas eles proprios se vão revelar.

O povo já sabe que quem fizer ali a defeza de taes moageiros, está vendido miseravelmente.

Vamos a vêr, agora, quaes são as vozes corajosas desse Parlamento que os do Jardim do Tabaco consideram sua pertença bem arraçoada, caída em sua masseira.

Quanto peor... mais caro

A psicologia dum articulista — Moageiro manda... Como nos ferraram uma grande mentira jornalística — O que eles dizem e o que eles fazem — Jornalistas ou calxeiros?

O *Diario de Noticias*, no proprio dia em que os seus redactores se demitiram, publicava um singular artigo intitulado *Quanto Pior, Pior*. Dizia-se ser aquele trecho do fundo do jornal o novo caminho por onde ia enveredar a gente do Jardim do Tabaco que compra artigos de gazetas como quem adquire farinha. Naquele balcão dos moageiros a manga do escritor já roçou e com ela, ao recolher a paga, bateu a consciencia. Aquela Moagem, odiada e condenada, procurou, atravez dessas palavras, mostrar-se candida e pura. Vou rasgar em bocados a bandeira corsaria que essa prosa representa. Para se dizerem cousas dignas é necessario vêr bem de quem se vai falar. Não se deve, jamais, fingir que se está com o povo quando o ponto que guia a representação é um inimigo dele. A certa altura dessa composição ao gosto dos bolacheiros, ferra-se esta *boutade*:

«Quanto pior, melhor! E' este o grito de todos os inimigos da Patria, de todos aqueles que esperam que Portugal seja cadaver para descerem sobre ele, como corvos esfaimados... Alguns bons portugueses ha que repetem o grito mortal sem lhe descobrirem o alcance, sem compreenderem o veneno que estão transmitindo... Para esses é, principalmente, o nosso artigo de hoje, para todos os iludidos, que andam, inconscientemente, a fazer o jogo dos especuladores das derrocadas, dos «profiteurs» da morte...»

Lá em baixo, no Jardim do Tabaco, os homens que querem escravizar os jornalistas ditam estes dizeres e devem gargalhar porque não existem em Portugal peores «exploradores das derrocadas, mais vis *profiteurs* da morte». O povo tem fome e eles brincam com suas necessidades, a classe media vai se abatendo aos poucos e eles riem dos engravatados miseros que se lhes vendem. O pão, que nos devem, porque as suas fabricas foram adquiridas com a cumplicidade de governos espoliadores, é uma arma nas suas mãos, açambarcadoras que tudo

compram até mesmo as consciências de plúmitivos ávidos do contacto da plutocracia infecta e aborrecida.

Profiteurs da morte, são eles, mais do que nenhuns outros, pois que só tem aproveitado da morte das energias trazida pela evidente agonia da nação a que teem ajudado mais do que quaesquer outros bandoleiros do cofre forte.

Profiteurs da morte! Mas acaso não será possível demonstrar que o nosso mal—as dores, as torturas, os horrores de seis milhões de sofrimentos—são os guanos em que eles mergulham as raizes das suas colossaes riquezas?

Quanto tinha em 1910 o inspirador do artigo? Quanto possui hoje? Porque não se inquire dessa fortuna? Porque não se verifica onde param os seus bens?

Esse Moageiro a querer jogar com frases, como joga com numeros, faz mais do que um doesto porque faz uma macabra troça. O culpado a vestir-se de juiz, a matrona nas tunicas da vestal!

Eu compreendo que semelhante capital se defenda mas primeiro carece de provar a sua honesta origem; eu aceito que um capitalista adquira um jornal mas não que adquira, com ele, consciências.

Parece que foi isso o que sucedeu porque no mesmo dia em que honrados trabalhadores largavam os seus logares aqúelle director da Moagem encomendava um artigo, como se encomendasse arroz pôdre, e ferrou com êle no lugar de honra do jornal com que pensava envenenar a opinião publica.

Olhe-se para este bocadinho:

«Que cada um de nós, dentro de sua esfera de acção, dentro das quatro paredes da sua vida, faça o melhor que possa e o melhor que saiba. Renovemos, com o nosso esforço, com o nosso patriotismo, com a nossa sinceridade, a atmosfera moral e intelectual da nossa terra, isolando, por completo, todos os maus elementos, todos os incompetentes, todos os falhados, todos os vendidos... Quando eles se encontrarem sózinhos, sem apoio algum, sem poderem levantar as cabeças perante o sol que os espreita, a pedir-lhes contas, eles serão os primeiros a fugir como fogem os morcêgos quando a luz os persegue... E será esta a unica revolução possível em Portugal, uma revolução feita á luz do sol pela intelligencia e pelo trabalho. A renovação moral hade trazer, simultaneamente, a renovação politica, possível em qualquer regime, renovação que todos nós desejamos ardentemente...»

Pois é; estamos todos nós a trabalhar de sol a sol, a lidar, a queimar o cerebro, a exgotar as forças, tudo isto para, numa grande paz, e lá em baixo no Jardim do Tabaco, ao lado duma burra, um homem rico que não produziu cousa alguma, que não é uma alma pura, que não enriqueceu labutando, gosar do trabalho alheio! Tudo isto porque possui um jornal onde manda ferrar palavras de calma não se lembrando das desventuras dos explorados e sentindo serem estes os «maus elementos, incompetentes» visto a gazeta ser sua e só achar dignos os que pertencem à sua vasta *troupe*.

A caneta de tinta pouco permanente que traçou aquelas linhas naturalmente não acredita nelas. Sabe muito bem que vendeu ao homem-sinho gato por lebre.

Com que então, a unica revolução possível é a da nossa total subordinação ao que se convencionou chamar trabalho e não é senão especulismo? Querem mais claro? Pois bem. Eu sinto que outra especie de revolução chegará e comprometo-me a torna-la tão redentora que obrigará os delapidadores da fortuna publica a restituir, a quem de direito, os bens usufruidos agora.

Pois é! Estamos aqui a trabalhar o melhor que podemos para vermos os que fazem o peor, os que podem atirar milhões pelas fronteiras, contos de reis ás *cocottes* e buchas aos plumitivos que os servem?!

Mas o que segue é de envergonhar a fronte mais estanhada. Analizem, remexam, penetrem bem semelhantes dizeres:

«Quanto pior, pior!... Pois não vêem os proprios inimigos do regime que a lepra vai alastrando, vai contagiando toda a gente que, um dia, eles proprios, no momento do ataque, só encontrarão gafados dentro das suas fileiras?...»

Vemos, na realidade, os gafados. São todos aquêles que transigem com a vasa, com a onda, com a lama que nasceu das traficancias da guerra, são os que, por uma codea ou por uma ambição, ajudam a triunfar os que se embebedam á custa do sangue derramado, são os que, depois na paz, explorando negocios de lucros inconfessaveis, dispondo de dinheiro que não lhes custou a ganhar, quasi tudo compraram desde as maquinas dum jornal até ás pastas dos ministros.

Vai alastrando a lepra, vai, mas ainda ha quem não se contamine e, destes virá a cura dos males gerados pelos individuos daquela raça e seus acolitos.

No *Diario de Noticias* a pena mercenaria, dum amigo ou dum empregado dum moageiro do Jardim do Tabaco, escreveu mais o seguinte:

«Ponhamos, cada um de nós, sobre a planicie raza, a pedra do nosso esforço e a piramide será alta... Que cada poeta leve em si o sonho do maior poema. Que exista, em cada industrial, o desejo da maior fabrica. Em cada pintor a ansia duma tela imortal. Em cada romancista a historia da mais linda alma... Em cada musico um ritmo ignorado. Em cada arquiteto a cathedra mais alta...»

«Que cada poeta leve em si o sonho do maior poema».

Mas, se não achar que a massa do pão do tal moageiro é a melhor, far-se-ha à sua volta o silencio.

«Que exista em cada industrial o sonho da maior fabrica!» Mas se ele não ajoelhar diante dos exploradores será esquecido na gazeta.

«Em cada pintor a ansia duma tela imortal.»

Pobre artista! Se não pintar o Inferno do Jardim do Tabaco, como um Paraiso, só encontrará no jornal a calada ou o desdem.

«Em cada romancista a historia da mais linda alma.»

Porém, ai dele, se essa alma não fôr à imagem e semelhança da do dono do periodico ou dalguma corista de suas relações. O chumbo em que se envolvem os mortos e se soldam os caixões pesará sobre e sua obra.

«Em cada arquiteto a catedral mais alta!»

Se não a dedicar ao moageiro, se não a encimar por um pão de bico, se não lhe assentar uma fachada de bolacha e uns vitrais de massa pintada, com as virtudes dos Nossos Senhores, implacavelmente lhe será recusado o asilo nas colunas do órgão onde querem apenas os seus cúmplices enaltecidos.

Pódem ser ilustres talentosos terem feito um nome a murro numa sociedade hostil, que não se saberá—atravez do grande jornal—quais os talentos, as obras de arte, os trabalhos—às vezes apreciados no estrangeiro—que esses portugueses fizeram. E tudo porquê? Porque não se prostram, não se achincalham, antes combatem a plutocracia dominante e que açambarcou—mas ha de largar—os órgãos da opinião.

Com que então ferram-nos as teorias do artigo mentiroso e aplicam as do patrão do *Diario de Noticias* e querem que os acreditemos?!

São tudo falsidades; esse *fundo* tem a característica do Jardim do Tabaco, referente ao pão:

Quanto peor mais caro!

A prosa é fermentada, é malevola, deve ter sido paga com a generosidade de quem não lhe custa a ganhar o dinheiro.

Após isto, cá sigo na minha rota, aguardando a chegada da redenção para esse jornal, a qual só se determinará quando os seus elogios ou suas homenagens não representem uma subordinação, um favor ou um beneficio, e isso só sucederá, quando dali desaparecer o criterio dum profano, dum industrial das farinhas, para vencer o dum profissional de alevantado brio.

Quer dizer, quando se sumir o peor moageiro para surgir o melhor jornalista, que, diga-se duma vez, é o que fôr mais henrado.

Os oitenta milhões esterlinos emigrados

Os que fazem emigrar os capitais — Curiosas declarações dum inglês — Porque foge o capital — O que é a consciencia de alguns capitalistas — A cumplicidade dos governos

O consul inglês em Lisboa é um optimista àcerca da situação portuguesa. Pelo menos assim o diz o *New-York Times*, relatando as informações fornecidas por aquele funcionario ao seu governo.

Ao que parece, nadamos em venturas. Acha — o consul britânico, que janta e almoça no Tavares com meia-libra — que nunca foi melhor a vida dos operarios portugueses.

Se fizéssemos um inquerito às profissões ouviríamos exactamente o contrario e com a maior das razões se diria que no periodo em que se ganhava oito tostões por dia e o pão era a pataco melhor corriam as existencias dos trabalhadores.

Este consul é um homem que não profunda. Para ele só o proletariado existe e ainda assim vê-o numa admiravel posição; a classe média — a grande atormentada por suas naturais tendencias, é certo — escapa aos olhos investigadores do representante consular de sua magestade britânica, que, todavia, nos faz uma revelação assombrosa:

«O desequilibrio do cambio explica-se pelas grandes quantias em esterlino depositadas no estrangeiro, e mórmente em Inglaterra, por cidadãos portugueses, desde a guerra. Pode-se por aqui calcular o montante desses depositos. Um conhecido financeiro português avalia-os em oitenta milhões. Ora, metade dessa importancia é mais do que o triplo da equivalencia em esterlino da totalidade da emissão fiduciaria em Portugal no momento presente. Existe outra accumulção de ouro, que não se pode avaliar, nas mãos dos lavradores que ainda não adquiriram o costume de recorrer aos Bancos e cuja tendencia para arrecadar as suas economias se acentuou perante a incertesa que envolve, de um modo geral, o estado das finanças portuguesas.»

Em pessoa tão bem informada de certo não falecem outros predica-dos e sobretudo o das provas de suas declarações.

Ha portugueses que depositam grandes quantidades no estrangeiro. Muito bem. Já desconfiava de semelhante emigração de capital que, sendo

receoso e tímido, prefere as *burras* do Banco de Londres às do Banco de Portugal. Mas porque são esses capitalistas tão medrosos? Calculo que não pertençam a senhores das fortunas antigas os depósitos de mais vulto dessas caixas fortes estrangeiras. Deve tratar-se dos «novos ricos», dos do tráfico da carne de canhão.

Para demais, o consul põe uma nota curiosa nas suas palavras; é a que descortina tudo; a que determina a época dêsse êxodo do dinheiro nacional. Desde a guerra; — diz ele — desde a guerra, acentúo eu.

Com que, então, desde a guerra — nunca é demais repeti-lo — saíram do nosso país *80 milhões esterlinos*? É um conhecido financeiro que o afirma. Logo não deve haver dúvidas. Chega-se à convicção de que se alguns dos antigos capitalistas deram esse passo, apenas seguiram, num alarme, os novos, os recém-ricos, cujas consciências os acusam e cujas almas devem andar perturbadas.

Ganharam miseravelmente esse dinheiro e receiam que lho tirem; arruinam o país para salvarem os seus gosos. Pois muito bem; esses cidadãos não teem o direito de viver aqui, onde o seu feroz egoísmo nos asfixia, nos leva à fome e ao desespero.

Porque alguns argentinos dêsse modo procederam, depois de terem explorado as minas de salitre da sua terra, é que o general Mitre lhes deu a paga numa imortal sentença que lhe valeu um monumento,

80 milhões esterlinos no estrangeiro! e nós a sofrermos inclemências! Mas de quem é esse ouro? É deles?! Pois bem; que venham os nomes dos depositantes e se inquiria como o ganhara. Eu trabalho, ha vinte anos, nunca menos de 10 horas por dia, e jámais vi o menor assomo de capitalisação. A produzir livros não se enriquece, dir-me-hão, e eu responder-lhes-hei saber muito bem que essas grandes fortunas só se obteem praticando crimes.

Mas vamos a vêr, com vagares, quem são os felizes depositantes nacionais dos bancos ingleses e as razões que apresentam da emigração do seu dinheiro.

Os nomes, com certo geito, aprendem-se; as razões já as tenho colhido de alguns: é a falta de confiança nos governos.

Teem esta frase como um argumento irrespondível e, sem querer, penso naquela classica desconfiança dos membros das quadrilhas após a divisão dos lucros das sortidas.

E, se nem todos os governos são cúmplices dos que enriqueceram nas traficancias da guerra, são-no, pelo menos, de ainda não terem averiguado os nomes dêsses maus portugueses e promovido o sequestro de seus bens manchados de sangue.

Carta a José Sarmento

Meu caro José Sarmento

Nós somos como dois militares que, quando se encontram, falam de suas campanhas, e, quando não se veem, as recordam, tendo um para o outro sempre um bom sorriso e uma boa disposição. Velhos camaradas agitamos ainda o gladio romantico, e é por isso que, ao vêr-te na chefia da redação do *Diario de Noticias*, comecei a fazer os meus comentarios.

Tu decerto — imagino conhecer-te bem — não aceitastes as desairosas imposições, desacreditadoras e humilhantes para o brio da profissão, com que o dono do jornal, industrial da moagem, queria esmagar os que foste substituir com o teu elenco. Naturalmente comprometes-te apenas a não atacar a Moagem, mas não a tornaes-te o rotulo das suas vesanias, das suas vinganças, das suas atitudes, o vehiculo de seus odios, o pagem de seus desejos.

Nós, nos nossos tempos de *panache*, quando nos chamavam á ordem, batíamos o pé e apresentavamos a lamina como mosqueteiros rumorejando nas paginas do velho Dumas pae. Eu fiquei assim, e já agora — embora os reditos não abundem na minha bolsa de lutador — não mudarei. Tu não debes ter variado tambem, e por isso calculo que serás aí o Senhor, o chefe na boa acepção da palavra, o orientador, e não a tafoleta, a tampa, o pavilhão a cobrir as mercadorias alheias.

Naturalmente, os homens de dinheiro, teem a seguinte logica: Nós pagamos, os nossos assalariados obedecem-nos. Compram um jornal como quem adquire um gasolina, e, dessa hora em diante, só pensam em enaltecer os que amam e em espancar os que detestam e, por este oculo dos opulentos — em relação á imprensa — teriamos que passar a vêr os grandes medicos, os illustres sabios, os consagrados de qualquer campo, diminuidos e apoucados, desde que não concordassem com as ideias — que já sabes são sempre alçapoadas — dessa especie de proprietarios de gazetas.

Ao contrario, todos os poetastros, escrevinhadores, farmacópolas, pintamonos e morticolos, os avariados de todas as profissões, entrariam nos dominios da superioridade, da celebridade, desde que merecessem o reclamo por sua subordinação, e, como só os inferiores se humildam e vivem nos tapetes capitalistas, como os gatos se enroscam em *maples* de casas ricas, teriamos uma constelação de banaloides, pairando no largo ceu do poderio, recebendo nas ventas sendeiras o incenso que os redatores se veriam na obrigação de lhes votar, a 300:000 reis por mez.

Ora, é exactamente isso que tu não aceitarás, como nenhum de nós,

e daí eu ter a certeza absoluta da tua pouca permanencia nesse lugar, desde que não tenhas, desde o começo, marcado que, onde jornalista começa, moageiro acaba, e que a côr da tinta, no seu negrume, tem, neste caso, mais candura que a da alva farinha.

Eu não sei se quizeram impôr-te condições, mas imagino que se deu o contrario, e que soubeste delimitar as fronteiras, como dum país para o outro, e, enquanto, elles — os symbolos do dinheiro — se entronisam nas suas *burras*, tendo como Constituição o seu livro de cheques, tu, governas, como os reis pastores antigos, o teu povo, à sombra da arvore do Pensamento, e, usando como taboas da lei estatuto diferente, antagonico, contrario, e no qual luzam os direitos de um pequeno soberano adorado no seu minusculo solio.

Mas, terás tu tomado essas precauções, serás querido pela falange que puzeram á tua volta, não te parecerás com essas pobres vitimas dos *maires de palais*, da epoca de Chilperico — os delegados dos moedores de então — e um dia não sentirás o horror da tua imprevidencia?

Se estás, como noutros tempos, quando de busto direito, a cabeça tão erguida como o busto, e leve como as nossas bolsas, desafiavamos os Deuses — A Ordem, a Propriedade, a Carta Constitucional — então muito vou rir, com a galeria, quando atirares ás guelas dos monstros devoristas os teus argumentos, as tuas gargalhadas e a tuas vontades, mas se, meu pobre amigo, os anos que passaram sobre ti, foram ladrões da tua sensibilidade, eu que não vejo senão reis no exilio, por esse mundo além, terei, ainda, o desgosto de te sentir trambulhar da mó em que te alçaram a curul cadeira, agarrado á honestidade, entre um côro de risadas trocistas de deshonestos.

E, então, com mais algumas cãs e mais alguns inimigos, ao recolheres ao teu lar, acharás que não eras para comer daquele pão, pois o verás molhado nas lagrimas do tardio arrependimento.

O ex-capitão Delfim Maia e a Sociedade Hipica

Um caso singular de venias—Os cumprimentos
obrigatorios — As idéas e os seus cultores — O
“Sport,” e a politica — O gesto dum soldado

A Sociedade Hipica prohibiu o ex-capitão Delfim Maia de continuar as provas no Concurso de Palhavã, porque ele, no uso dum direito, se recusou a ir fazer um cumprimento, este ano inaugurado, ao senhor presidente da republica.

Poderia discutir aqui a legitimidade dum chefe de Estado, eleito apenas pelo partido democratico, poderia, ainda, averiguar das convicções politicas dos socios da Sociedade Hipica, ser-me-hia facil—ainda— e com argumentos do pêso de várias arrobas—demonstrar que a maioria dos espectadores—e sobretudo das espectadoras do Concurso—procedem como o sr. Delfim Maia.

Porém quero encarar o caso apenas sob o ponto de vista da obrigatoriedade—já agora instituida naquela agremiação—de cada um ter que saudar pessoas com as quais não tem as minimas afinidades nem motivos alguns para arvorar respeitos publicos.

Suponha-se que eu, escritor iconoclasta, escrevo uma peça para o Teatro Nacional—o qual está sob a alçada do ministro da Instrução—e que o sr. Teixeira Gomes—meu conhecido das mesas do Martinho, quando achincalhava a idéa republicana e pegava no *Mundo* com as pontas das luvas, a sorrir—se lembrava de me chamar ao seu presidencial camarote.

Outra qualquer pessoa—sem o meu feitio, de sempre proceder como penso—hesitaria; eu não. Redondamente me recusaria a dar esse passo e, abertamente, diria ser do palco à tribuna tão longe como da tribuna ao palco.

O que faria o ministro da Instrução? Baniria a minha peça do reportorio, prohibir-me-hia a entrada no teatro? O que faria a Sociedade Artistica? Tratar-me-hia de igual modo? Naturalmente não, porque seria atentar contra o direito do meu cerebro querendo mandar no meu chapéu. Em boa democracia é assim que se deve sentir com respeito aos direitos e aos deveres de cada um.

O que a Sociedade Hipica fez foi um acto de puro absolutismo.

Outrora, quando o senhor D. Miguel passava nas ruas de Lisboa, a turba humilde tinha que ajoelhar, desgorrear-se, quasi bater nos peitos para não ser batida pelos cacetes do Sota Leonardo e dos seus sequazes; houve tambem um tempo em que os energumenos queriam obrigar toda a gente a descobrir-se diante dos acordes da *Portuguesa*. Fizeram-se várias manifestações contrarias e cada um guardou o direito de saudar ou não esse hino que, por sinal, tem já direitos a tais honrarias. Foi o que soou nos campos de batalha, sagrando o sangue que os soldados derramaram.

Não me consta, porém, que egual categoria pertença ao sr. Teixeira Gomes. Primeiro, porque não tem acordes, segundo, porque ninguem o consagrou.

O sr. Delfim Maia é um monarchico illustre; é um dos combatentes de Monsanto; é um bravo que jogou os seus galões, batendo-se contra a republica, e, assim como não se pode pedir a um catolico que saude o senhor dr. Afonso Costa, do mesmo modo não se pode exigir dum realista, como este, que se curve diante do chefe dum Estado que ele desejava derrubar empunhando uma espada.

Os proprios adversarios o sentem e a alguns deles ouvi dar-lhe razão. Um vencido não ajoelha diante dos representantes dos vencedores e, mesmo quando a guerra era uma continuação de triunfos, após a destruição dos inimigos, os prisioneiros que apareciam amarrados aos carros dos generais, não eram obrigados a soltar as suas frases congratulatorias, não eram espicados para bradarem os seus *Salvé* nem se lhes recusava o pão desde que não se prostrassem na lama ou no pó, exclamando para o vitorioso: Oh! Divino! Oh! Augusto! Oh! Magnifico!

Pois bem, em plena republica democratica (?), num campo de hipismo, diante de lindas mulheres monarchicas, houve quem quizesse impôr essa obrigação a um valoroso rapaz que sabe manter bem altas as suas crenças e as suas opiniões.

Se os directores da Sociedade Hipica só pensam em cavalos, ha homens que, apesar de os montarem com garbo e gentileza, guardam pensamentos diferentes nos quais ha beleza, ha honestidade e pudor. Para os officiaes ao serviço da republica a continencia é de rigor, para os que deixaram o exercito, o caminho é o que o ex-official seguiu.

Delfim Maia, se saudasse, por que lho impunham à força, o sr. Teixeira Gomes, teria passado dum bravo soldado vencido a um «ecuyer» de circo a desbarretear-se como os das feiras a pedir a protecção do publico «inlustrado».